



AFINAL DE CONTAS, FRANGO NÃO VOA?

Em 2010, a avicultura de corte já ranqueava como setor de maior demanda, impulsionando a produção de mais de 30 milhões de toneladas de rações. Contudo, naquele ano, a sobrevalorização da moeda local prejudicou a quantidade de frango exportada. A rentabilidade do produtor, por sua vez, foi em parte comprometida pelo custo da alimentação dos plantéis que aumentou significativamente. O preço do frango no varejo se sustentou, já que a valorizada arroba do boi não dava sinais de arrefecimento. Por sua vez, a demanda per capita de frango alcançava 44 kg, em resposta à produção de mais de 12 milhões de toneladas.

No ano seguinte, a demanda de rações incrementou em mais de 6% e resultou na produção de mais de 32 milhões de toneladas. A persistência do câmbio valorizado, os reflexos da crise fiscal da União Europeia, os confrontos geopolíticos no Oriente Médio e os embargos da Rússia e África do Sul prejudicaram bastante as exportações que cresceram pouco quando comparadas ao ano anterior. Naquele ano, foram produzidas cerca de 13 milhões de toneladas e o consumo per capita superou os 47 kg.

Já em 2012, o recuo na atividade culminou na produção de 12,6 milhões de toneladas de frango, demandando pouco mais de 31 milhões de toneladas de rações. A persistente fragilidade das economias na zona do Euro e o conflituoso cenário no Oriente Médio atrapalharam o desempenho exportador que embarcou menos de 4 milhões de toneladas de frango.

Em 2013, apesar do arrefecimento no custo da alimentação para avicultura de corte, a escassa oferta de pintainhos para alojamento esfriou a demanda por rações, que somou pouco mais de 30 milhões de toneladas, enquanto em 2014, o alívio no custo da alimentação devolveu rentabilidade ao produtor e a demanda superou 31 milhões de toneladas.

O produtor de frangos de corte demandou 32,4 milhões de toneladas de rações, um avanço de 3,5% em 2015, enquanto o alojamento de pintainhos cresceu quase 5%. A capacidade de compra do consumidor doméstico diminuiu por causa da deterioração econômica, motivo pelo qual a carne de frango substituiu crescentemente a carne bovina, enquanto que a desvalorização do Real frente ao dólar e os episódios de gripe aviária em países exportadores favoreceram circunstancialmente os

embarques de frango ao exterior que avançaram 5%.

Durante 2016, foram produzidas 32 milhões de toneladas de rações para frangos de corte, e o alojamento de pintainhos contabilizou 6,45 bilhões. Na ocasião, o insuficiente alívio no custo de produção, combinado à fragilidade do consumo doméstico, foi um dos fatores que desestimulou a intenção de alojamento, reduzindo a produção de carne e, conseqüentemente, a demanda de ração.

Apesar do alívio no custo da alimentação em 2017, o ritmo de produção mais afinado à demanda culminou na redução em torno de 4% no alojamento de pintainhos. Concomitantemente, a indústria retomou a marca acima dos 32 milhões de toneladas de rações, graças à sensível melhora no preço/quilo pago ao produtor, combinada à recuperação mais vigorosa das exportações de frango no último trimestre.

A indústria produziu menos de 32 milhões de toneladas de rações ao longo de 2018, semelhantemente ao alojamento de pintainhos que retrocedeu mais de 2%, principalmente por conta do custo do milho e farelo de soja no início daquele ano, do embargo europeu e do bloqueio logístico, além da característica fragilidade do consumidor doméstico com poder de compra comprometido.

Em 2019, o produtor de frangos de corte surpreendeu a indústria com a demanda de quase 33 milhões de toneladas de rações, um avanço próximo à 4%. O surto de Peste Suína Africana na China permitiu ao Brasil exportar mais carne suína, além das outras proteínas animais.

Apesar do cenário bastante adverso em 2020, provocado pela pandemia da Covid-19, a produção de alimentos para animais resistiu bem ao “evento imprevisível” e assegurou o necessário suprimento da cadeia produtiva e exportadora da proteína animal brasileira. Apesar do estratosférico custo dos principais insumos (milho e farelo de soja, afora os aditivos importados e precificados em dólar), a indústria avançou 3,5% e contabilizou mais de 34 milhões de toneladas de rações, em resposta ao impulso da produção ancorada no consumo doméstico crescente e na necessidade chinesa contínua por carne de frango.

Em 2021, a avicultura de corte continuou “voando” no atendimento à demanda externa e doméstica. Na “carona”, a indústria de rações avançou 3,5% e somou quase 37 milhões de toneladas. ■



Arioaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA